



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Rua de Joaquim Bonifácio, M. A. — LISBOA (Portugal) / Telef. 42169 / Teleg. ADVENTISTA — Lisboa

Instituições financiadas ou auxilia-
das pela União Portuguesa A. S. D.

SEMINÁRIO ADVENTISTA

Quinta de Santo António
PORTALEGRE

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

com todos os centros metro-
politanos de evangelização

Sede: Rua de Joaquim Bonifácio, M. A.
LISBOA

PUBLICADORA ATLÂNTICO, L.DA

Praça da Ilha do Faial, 1-B
LISBOA-Norte

MISSÃO EM S. TOMÉ

Caixa Postal 349
S. TOMÉ

MISSÃO CABO-VERDIANA

Sede: S. Filipe
ILHA DO FOGO

MISSÃO AÇORIANA

Sede: Santa Clara
PONTA DELGADA

MISSÃO MADEIRENSE

Rua de João de Deus, 7
FUNCHAL

MISSÕES ANGOLANAS

Caixa Postal 3

Nova Lisboa

ANGOLA

MISSÕES MOÇAMBICANAS

Mungulúni

QUELIMANE

Presados e generosos leitores:

O objectivo desta Revista das Missões é duplo: angariar fundos para a imprescindível e urgente obra das missões e informar os nossos amigos e subscritores sobre a nossa obra mundial. É o páldio eco do trabalho de milhares de obreiros de ambos os sexos que nas terras longínquas de outros continentes consagram, generosa e apaixonadamente, as suas forças à evangelização do mundo, na qualidade de missionários, de professores, de médicos, de enfermeiros e de pregadores da Palavra de Deus.

A extensão e envergadura das actividades missionárias empreendidas pela Sociedade das Missões Adventistas pode, sumariamente, compendiar-se nos seguintes dados:

Países, ilhas e arquipélagos onde trabalham....	423
Línguas e dialectos falados e escritos.....	852
Evangelistas, missionários-médicos, enfermeiros e educadores.....	29.912
Hospitais e clínicas, excluindo centros médicos e enfermarias de menor importância.....	158
Escolas.....	2.788
Tipografias.....	83

Fiel à Palavra de Deus, procura a Igreja Adventista levar ao conhecimento de todo o mundo a mensagem da salvação, para que a pobre humanidade, despertando do letargo em que jaz mergulhada, se apresse a preparar-se para a segunda e gloriosa vinda do Salvador.

O produto da venda desta revista destina-se a dar incremento à obra das Missões — chamar almas para Deus e para a civilização.

A todos que se dignarem auxiliar com o seu óbolo generoso a magnífica e salutar obra das Missões — que Deus cumule das Suas melhores bênçãos, pois é este o melhor agradecimento que lhes podemos manifestar.

Lisboa, Junho de 1946.

O Conselho Administrativo
da União Portuguesa dos Adventistas

ENSINAR OS PRETOS?!...

É frequente ouvir-se dizer: «... Mas, valerá a pena instruir os pagãos?... Abrir escolas para os pretos?... Não bastará pregar-lhes o Evangelho?...».

Um simples facto, presados leitores, dar-vos-á a resposta: A maior parte dos cristãos convertidos nessas remotas plagas africanas e orientais, foi chamada à Fé por intermédio da escola. Hoje, o africano acaricia duas ambições: ganhar dinheiro e aprender a ler e escrever. Ora, esta juventude africana — e toda a outra juventude — em contacto com a escola da Missão sente, pouco a pouco, a salutar impressão do Evangelho, através dos exemplos do professor e missionário. São almas,



«Ide, ensinaí todas as nações...»

não só evangelizar, senão instruir, educar os pretos, os pagãos! Ainda no ano passado, durante a sua visita às nossas Colónias, pôde o ilustre Ministro das Colónias, Prof. Dr. Marcelo Caetano, observar e apreciar o valor inestimável da acção das Missões — de todas as Missões cristãs — católicas, como protestantes! Em Moçambique, visitou Sua Ex.^a, a Missão Suíça de Lourenço Marques. Em Angola, também Sua Ex.^a visitou a esplêndida Missão Evangélica Canadiana de Chissamba Quer numa, quer noutra visita, a impressão do ilustre Ministro das Colónias foi magnífica, tanto pela obra educativa e cristã, como, principalmente, pela obra hospitalar que ali se realiza e Sua Ex.^a teve oportunidade de verificar.

O Sr. Prof. Dr. Marcelo Caetano, depois de ciente, nas duas Colónias, das privações que as Missões têm sofrido, pelas dificuldades para as viagens de novos reforços, prometeu que procuraria remover tais dificuldades.

Auxiliar as Missões — presados e benévolo leitores — é contribuir para o bem-estar material e espiritual de tantos milhares e milhares de homens, que são, como nós mesmos, dotados de alma racional, com as mesmas faculdades de inteligência e de vontade. E chamar almas para Deus, para a Pátria, para a civilização.



«O Senhor, ao fazer a descrição dos povos, dirá: este é nascido ali»

como nós resgatadas pelo sangue precioso de Jesus. As diferenças rácicas, de pigmento de coloração, de cabelos, de rasgado dos olhos, da maior ou menor abertura do ângulo facial — tudo isto que é accidental — não constitui diferenças de homens. A humanidade é uma; os homens — brancos, negros, vermelhos, amarelos — pertencem todos à mesma espécie — a humana; todos eles foram resgatados por bom preço — e que preço?! — para o reino dos filhos de Deus. Merece, pois, a pena

Auxiliar as Missões é colaborar, directo e imediatamente, com a obra de Jesus Cristo na salvação das almas e preparar o seu próximo e glorioso advento.



«A Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos»



O Evangelho deve transpor montanhas...



... pois é aguardado ansiosamente...



... pelos indígenas...



... em plena África.

Cerca de 700 anos antes de Jesus Cristo ter descido à terra como homem, o profeta Isaías dissera a Seu respeito que Ele viria «pregar boas-novas aos mansos;... restaurar os contritos de coração,... consolar todos os tristes» (Is. 61:1-2).

S. Mateus, recordando o trabalho do Mestre, diz: «E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo» (Mat. 4:23).

As melhores autoridades afirmam que Jesus empregou mais tempo em curar doentes do que, propriamente, em ensinar e pregar.

Agora, o grande preceito dado aos seguidores de Jesus Cristo é o de realizarem o mesmo trabalho que Ele fez até ao Seu regresso. E por esta razão que o trabalho missionário-médico está ocupando lugar

proeminente no mundo de hoje. O coração e o espírito do cristianismo cifram-se na regra de ouro daquelas palavras do Mestre: «Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós» (Mat. 7:12).

Uma religião baseada nesta simples fórmula pode ser entendida pelos ricos como pelos pobres, pelos sábios como pelos ignorantes, pelos civilizados como pelos bárbaros.

Quando um médico ou uma enfermeira entram nas selvas da África Central e o espírito de Jesus começa a envolver os doentes e os aflitos entre os pobres indígenas que nada podem dar em troca, — bem depressa aquele médico, aquela enfermeira ganham a sua gratidão, o seu afecto. Começam a desejar ouvir e a seguir as suas instruções, os seus conselhos e milhares deles abandonam a vida selvagem e tornam-se cidadãos respeitáveis.

Apenas um caso para ilustrar esta afirmação: Há poucos anos atrás, em certa região da África Central, os indígenas ainda praticavam o canibalismo. Sempre que apanhavam um homem ou mulher de tribo diferente, matavam-nos e comiam-nos. Nem o próprio administrador governamental se atrevia a entrar naquele território sem uma boa escolta militar e avisava comerciantes e missionários de

civilização e salvação

não se aproximarem daquele território e muito menos de não entrarem. Ora, um dia, um dos caçadores do chefe daqueles canibais foi gravemente ferido por um animal feroz; quase a morrer, os seus companheiros levaram-no a um posto médico-missionário, a cerca de 50 quilómetros. Graças aos cuidados que lhe foram dispensados e à protecção divina, salvou-se aquela vida. Regressando ao seu povo, contou ali a bondade e a ternura daqueles que o tinham salvo.

Bem depressa outros canibais foram à missão receber tratamento; até o mesmo chefe lá foi. Ouviu com muita atenção o missionário e o bem que estava sendo feito aos habitantes de muitas aldeias e tribos; pediu-lhe, finalmente, que mandasse alguém à sua tribo para ensinar e fazer o mesmo que se estava praticando noutras tribos. Para lá seguiram alguns catequistas e enfermeiros. O povo aprendeu rapidamente e bem depressa se construiu uma pequena aldeia onde as galinhas e os porcos tiveram lugares próprios em vez de se criarem dentro das cubatas, de promiscuidade com os seus habitantes. A aldeia começou a ser varrida diariamente, mantendo-se sempre aseada; aprenderam melhores processos de horticultura. Hoje, naquela região, onde há poucos anos os habitantes comiam carne humana e viviam como animais, estendem-se belas e lindas aldeias com bons processos de agricultura. Tanto assim é, que hoje recolhem muito mais milho e algodão, de modo que pagam o seu imposto ao governo e ainda têm dinheiro para comprar roupas e utensílios vários aos viajantes que hoje percorrem, livremente, a região. E acima de tudo isto, milhares destes antigos canibais aprenderam a conhecer aquele Grande Espírito, Deus, que é muito maior que todos os espíritos dos seus feiticeiros.

O povo português tem uma solene responsabilidade para ajudar os pobres pagãos de Angola e das suas outras colónias a tornarem-se melhores cidadãos.

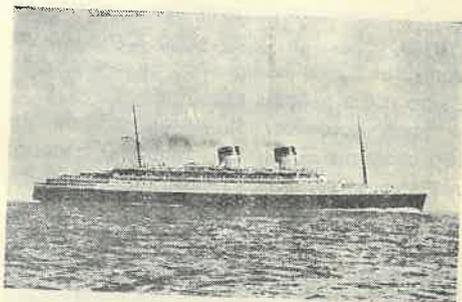
Lembremos a palavra do Mestre: «Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:40).

O. U. Giddings

Director da Missão Adventista do Bongo (Angola)



Bordejando precipícios...



... sulcando os mares...



... e servindo-se do avião, o incansável missionário propaga o amor de Jesus



O Evangelho deu-lhes a saúde do corpo e dar-lhes-á, também, a do espirito.

O leproso é um morto-vivo! Se for, porém, tratado a tempo, pode curar-se.

Os nossos generosos missionários na África, como no longínquo Oriente, levam-lhes não só o bálsamo da consolação como até a própria cura.

Recentemente, na nossa colónia de leprosos de Malamulo, Sueste Africano, registaram-se, num só ano, onze casos de



Indígenas dirigindo-se á Missão

Piedade para com

cura completa! São eles, os próprios leprosos, quem ali trabalha, principalmente na construção das suas habitações. O trabalho contribui para os consolar e só lhes faz bem, física, moral e espiritualmente.

Estudos pacientes e experiências delicadíssimas têm permitido arrancar as pobres vítimas das garras horríveis da lepra.

Já de há muito tempo que se sabia que o óleo de chaulmoogra era remédio eficaz contra a lepra; já a farmacopeia chinesa a menciona há dois longos milénios! Foi só em 1916 que dois médicos de Honolulu tiveram a ideia de realizar uma preparação química de sais tirados dos ácidos gordos do chaulmoogra, pois o seu simples emprego apresentava sérias dificuldades de ordem vária. Fizeram-se vários estudos e obtiveram-se novos melhoramentos até a preparação de um sabão que podia ser administrada por injeções subcutâneas, intravenosas e intramusculares.

Importa, porém, que o tratamento se faça ao ar livre, com boa alimentação e boas condições higiénicas.

A Missão Adventista mantém colónias de leprosos na África, na Índia, na China... Na África, tais colónias estão na região do Quénia, na Rodésia setentrional, Niasalândia, no Congo Belga e Angola. Estas nossas instituições gozam da estima e da confiança das autoridades, que bastas vezes lhes têm dado provas de boa vontade. Contamos, também, várias sociedades a favor dos leprosos em Londres e Nova Iorque, cujos milhares de membros,

os leprosos!...

esses mortos-vivos!...

pela sua generosidade se tornam credores do nosso mais vivo reconhecimento.

Todos os anos um apreciável número de leprosos cuidadosamente tratados pelos nossos heróicos médicos-missionários e enfermeiros, regressam aos seus lares, curados e cheios de uma nova alegria de viver.

Os nossos generosos amigos e benfeitores compreendem como estes casos colocam as nossas colónias de leprosos em sérias dificuldades!... É que a fama das curas ali realizadas atrai às dezenas e dezenas, os pobres gafados — verdadeiros farrapos humanos, para ali receberem a cura, a salvação!... Por isso os nossos



Como nós, também crentes...

centros de tratamento estão sempre a transbordar.

O vosso óbolo servirá para levar àqueles pobres mortos-vivos a esperança de uma nova vida.

Que Deus vos pague!...

Centros Nacionais da Obra Missionária Adventista

- Lisboa — Rua de Joaquim Bonifácio, 17
- X Porto — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º
- X Portalegre — Rua do 1.º de Maio
- X Tomar — Rua de Fábrica, 70
- X Coimbra — Rua da Sofia, 181
- X Barreiro — Rua do Vinte de Abril, 17
- X Vila Real de Santo António — Rua do Dr. Passos, 2
- X Niza — Rua de Júlio Basso, 3
- X Setúbal — Rua de Estêvão de Vasconcelos, 49
- X Portalegre — Seminário Adventista — Quinta de Santo António
- X Funchal — Rua de João da Deus, 7
- X Ponta Delgada — 1.ª Rua de Santa Clara, 2
- X Angra do Heroísmo — Rua do 5 de Outubro, 14
- Brava (Cabo Verde) — Nossa Senhora do Monte
- S. Filipe — Fogo (Cabo Verde)
- S. Tomé — Caixa Postal, 349
- Nova Lisboa (Anqola) — Caixa Postal, 3
- Missão de Munguúni — Correio de Munhamade, Quellmane — Moçambique

CUALE

e as suas
necessidades

por *A. J. Rodrigues*

Director da Missão do Cual



belto rancho de juventude indígena com os missionários adventistas

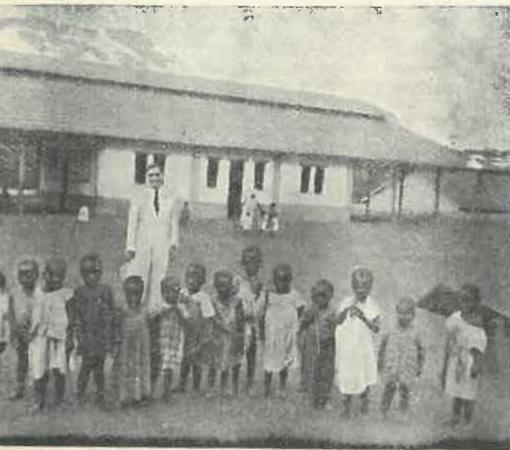
A cerca de 650 quilómetros ao norte de Luanda, capital de Angola, África portuguesa, foi estabelecida esta estação missionária com o fim de dar à tribo dos Jingas, povo extremamente selvagem e supersticioso, o conhecimento da salvação.

Devido a circunstâncias várias, a Obra aqui não tem avançado tanto quanto po-

deria. Porém, a principal razão, tem sido a falta de obreiros tanto europeus como nativos. O povo é dócil e acessível.

Quando em Abril de 1944 tomámos conta deste campo, fizemos algumas visitas às aldeias mais próximas e tendo anunciado a abertura das matrículas escolares, tivemos o prazer de registar cerca de 100 alunos em poucas semanas. Muitos destes vieram de muito longe e com sacrifício, mas com regular frequência mantiveram-se durante todo o ano lectivo. Porém, muitos desistiram no ano seguinte em virtude de não terem possibilidade de obter comida, por suas famílias estarem muito longe e à Missão não ser possível fornecer-lhes o necessário alimento. Foi com sincera pena que os vimos partir, alguns com lágrimas nos olhos.

Muitas raparigas gostariam de vir para a Missão, mas suas famílias escravizavam-nas, entregando-as ainda crianças (entre nove e dez anos) aos maridos, muitos dos quais são homens já velhos com muitas mulheres, filhos e netos mais velhos do que elas. Das onze raparigas que temos presentemente no dormitório, uma conseguiu fugir e veio pedir abrigo na Missão. É uma criança muito esperta e gosta extraordinariamente da Missão. A família tentou levá-la de novo para a entregar ao seu velho marido, mas ela resistiu-lhes



«Deixai vir a mim os pequeninos...»

tenazmente. Algumas têm membros de família na Missão, e outras foram ganhas pelos nossos constantes apelos. Elas sentem-se muito felizes por terem sido arrancadas da vida miserável que tinham e alegram-se no conhecimento da Palavra de Deus.

Quando em Junho do ano passado eu e minha esposa, acompanhados de três dos nossos catequistas, fomos à nossa habitual Campanha de Evangelização anual, numa aldeia que dista daqui 55 quilómetros, ficámos impressionados com a imundície que vimos naquelas aldeias. O povo não tinha a mais leve noção de higiene, viviam em promiscuidade com os animais e comiam toda a espécie de coisas imundas. Os seus corpos engelhados devido à sujidade da pele e alguns com úlceras enormes e repugnantes, causava-nos uma dolorosa impressão! Durante as três sema-



Mato mais impenetrável... que as almas...



Entrando para a Igreja pelo baptismo

nas que ali permanecemos pregando, fazendo alguns tratamentos e ensinando rudimentos de higiene, tivemos o privilégio de vermos bons resultados. Hoje temos ali estabelecida uma boa escola com 37 alunos de ambos os sexos e uma frequência de 70 a 80 alunos na Escola Sabatina.

No regresso para a Missão, ao atravessarmos as aldeias que ficam em caminho, o povo, rodeando as tipóias em que viajavamos e acompanhando-nos numa distância de mais de um quilómetro, gritava: «Queremos um mestre, queremos um mestre...» Quando os cumprimentámos acenando com as mãos fora da tipóia, os gritos redobram e eram verdadeiramente ensurdecedores!... E as mulheres, em volta da tipóia de minha esposa, dan-

cavam e cantavam repetindo o mesmo apelo: «Queremos um mestre, queremos um mestre...» Como até à data não nos tem sido possível atender a todos os pedidos que nos têm sido feitos, somos informados de que o povo se queixa dizendo que nós os «desprezamos»!!!

O nosso Salvador diz-nos: «Ide... e pregai o Evangelho a toda a criatura...» (Marcos 16:15). E Paulo observa, em Romanos 10:15: «E como pregarão se não forem enviados?» Porém, nós perguntamos, presados leitores, como enviaremos não tendo auxílio financeiro? Apelamos para a generosidade dos vossos corações, a favor das Missões.



O Evangelho lhes dá a civilização e lhes dará a salvação



Dr. Jean Zurcher

... Mas os missionários

pelo Dr. Jean Zurcher

tem pouco tempo» (Apoc. 12:12). Mas está próximo o tempo em que se realizará a palavra de Paulo aos Romanos: «E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés» (16:20).

Se, pois, as dificuldades da hora pre-

Director do Seminário Adventista de Tananarive — Madagáscar

Mais que nunca, os nossos missionários têm necessidade das orações da Igreja, se quisermos que a obra se complete, prontamente, nos países longínquos. As dificuldades, que os mensageiros do Senhor encontram hoje, são incalculáveis; e se Deus não intervisse continuamente, Satanás ter-nos-ia algemados, porque ele sabe que lhe não resta senão pouco tempo. Se nós nos podemos regozijar, como outrora os discípulos do Senhor, de que «até os demónios nos estão submetidos» em Seu nome, o próprio Jesus pode dizer-nos, hoje, com a mesma verdade: «Eu via Satanás, como raio, cair do céu». É agora que se trava a luta entre as potências do bem e do mal, de que nos fala S. João no seu Apocalipse, «porque o Diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já

sente são muitas vezes de natureza a desencorajar-nos, a Palavra de Deus lá está para nos assegurar que a vitória pertencerá finalmente ao que venceu o mundo e aos seus sequazes: «Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum» (Luc. 10:19).

Se nós não soubéssemos por experiência pessoal que «todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus» e, mais especialmente ainda, para o triunfo da sua Obra no mundo, poderíamos, porventura, duvidar do poder de Deus em nosso favor. Considerando, sob um ponto de vista puramente humano, certos obstáculos que se levantam, actualmente, no caminho dos missionários, pode-se perguntar porque permite Deus tais coisas.

Em quase todos os nossos campos missionários, os nossos irmãos e irmãs aguardam, com impaciência, a «substituição» — não por estarem cansados de servir a Deus nessas terras distantes, ou porque o desejo de regressar à Pátria seja mais forte que o de continuar no seu campo de actividade, mas simplesmente porque estão esgotados de fadiga e o seu estado de saúde é tal, após tão longa permanência nas Colónias, que se sentem incapazes de fazer o que o seu zelo pelo Senhor os impele a realizar. É por isso, que também um exército de jovens missionários aguarda com impaciência a hora da partida; as condições de viagem são, contudo, ainda hoje tão precárias, que não só a substituição é muito lenta, na maior parte dos casos, e noutros impossível, como os reforços permanecem imobilizados e inúteis.

Esta situação torna-se ainda mais incompreensível, quando se compara com a de outras obras missionárias. Quando as missões protestantes da França, por exemplo, e as missões católicas de quase todos os países, têm todas as espécies de facilit-



O missionário medicando um indígena

... não desanimam...

dades para os seus missionários, incluindo lugares reservados em quase todos os aviões e navios que partem da metrópole, tal como os funcionários públicos — nós encontramos obstáculos, por vezes, insuperáveis.

E mais do que coragem, temos hoje necessidade de paciência e de confiança em Deus. Os problemas a resolver são, muitas vezes, de tal ordem, que só a intervenção directa do Mestre das Missões pode dar algum resultado seguro. E aquele que sabe esperar e orar, pode fazer a feliz experiência do Seu auxílio sempre eficaz.

No que nos diz respeito, eis que já há dois anos esperamos a possibilidade de embarcar. Um ano inteiro de esforços apenas deu pequenos resultados. Foi só após várias tentativas e todas providenciais que finalmente pudemos chegar a Lisboa, donde escrevemos estas linhas. Mas que será quanto à continuação da viagem? Ainda nada é certo. Os navios são raros e mais rara é a sorte de encontrar lugar. As agências de viagens, mesmo as melhores, acham-se impotentes, e se nós não contarmos com o auxílio de Deus, não só não poderemos prosseguir a viagem, como teremos de arripiar caminho. Mesmo no caso mais favorável, ainda teremos outra etapa, depois da saída de Lisboa, até chegarmos ao nosso campo de actividade. Serão necessários novos milagres de Deus, sem o que, decorrerão outros longos meses sem que possamos atingir o nosso destino. A nossa experiência foi já, como a de duas famílias que nos precederam, e será a de outras que virão depois de nós para seguir a mesma rota — a única, de momento, que nos poderá levar ao nosso campo de actividade.

Vê-se bem que Satanás está metendo mãos à obra. Põe ele à prova a nossa paciência em servir a Deus, esperando, sempre, algum desencorajamento à força de obstáculos.

Quer ele lançar a dúvida no coração dos que contam, dia a dia, com a intervenção poderosa do seu Pai celeste. Ele sabe quanto nós desejamos trabalhar para a realização da Obra de Deus no mundo; por isso, procura retardar o nosso esforço; quer ele ganhar tempo, dissipando o nosso... E que quantidade de dinheiro se não gasta, assim, sem proveito, em vez



O missionário também é dentista!

de servir para a proclamação da última mensagem! Sim, Satanás trabalha, poderosamente, contra nós. Convém-lhe, a todo o custo, manter, como que algemados, os apóstolos do Senhor Jesus.

Nesta luta imensa, nós próprios nos sentíamos impotentes, tal como outrora se sentia impotente o Apóstolo Paulo nas prisões romanas. Uma única coisa lhe era ainda possível: escrever às numerosas igrejas que ele havia fundado por toda a parte e dizer-lhes: «Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos, e por mim, para que me seja dado no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do Evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias» (Efés. 6:18, 19, 20).

O mesmo eu faço ao escrever estas linhas.

Se Deus permite, hoje, os obstáculos, não é por indiferença para connosco; pelo contrário, é porque deseja ensinar-nos no plano da salvação. Deus quer que aprendamos a contar só com Ele; o Senhor quer que a Sua Igreja recorra a Ele

(Conclui na pág. 15)

Acção missionária

em CABO VERDE

«Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura». Foi em cumprimento deste mandamento de Jesus, que o Seu santo Evangelho penetrou, através da nossa Missão, em terras cabo-verdianas. Mas, o que é Cabo Verde? E uma pe-



«Ide... pregai o Evangelho aos que habitam sobre a terra...»

quena partícula do vasto império ultramarino português. É um conjunto de dez ilhas no meio do oceano Atlântico, com os seus costumes diversos e o seu dialecto,— o crioulo.



S. Vicente

Já lá vão onze anos que chegou à ilha Brava, uma das mais pequenas ilhas do arquipélago, um dos nossos missionários metropolitanos e, nestes anos decorridos, vimos com satisfação que grande número de almas deixaram os costumes que as deprimiam e se puseram de acordo com o exposto pelo Senhor Jesus no Seu Evangelho. Temos presentemente duas igrejas naquela ilha que, durante muito tempo, tiveram como sua maior aspiração o estabelecimento, pela nossa Missão, de uma escola em que fosse ministrado o ensino das quatro classes primárias. Esta grande

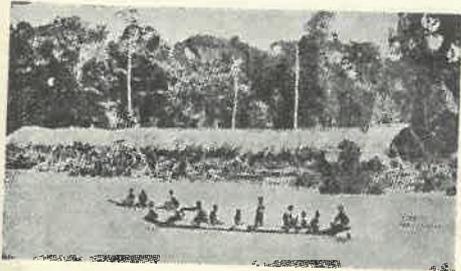


Nómadas na habitação, mas constantes na fé

aspiração tornou-se uma realidade há dois anos, graças à boa vontade das nossas autoridades que, animadas do espírito de tolerância, permitiram que a escola fosse aberta. Presentemente frequentam a escola cinquenta alunos que para isso não pagam coisa alguma e ainda muitos têm que ser auxiliados com roupas, dinheiro, material escolar, etc. A ilha Brava, não obstante a sua pequenez, e portanto a sua produção em pequena escala, é uma das ilhas em que se sentem mais as crises a que todos estão expostos. Isto deve-se ao facto de haver muitos bravens na América do Norte que trabalham, e, pelo derramamento de muito suor, conseguem arranjar

alguns pecúlios para mandarem para as famílias nos anos em que o solo nada produz devido à falta de chuvas. É também de todas as ilhas onde o aldeão acompanha a civilização vivendo uma vida higiénica, com os seus bons chalés, boas mobílias, etc.

Na ilha do Fogo, que dista apenas nove milhas da Brava, as coisas já se não



A caminho do serviço médico e religioso

passam da mesma maneira. Como na Brava, o fogueense é bom, hospitaleiro e trabalhador, mas mais sujeito às consequências das crises. É uma ilha muito grande, muito populosa e tem sofrido mais a falta das chuvas. Também recebe dinheiro da América, mas muito menos que a Brava e creio que tudo isto tem contribuído para que o povo, não obstante ser bom, como acima digo, seja no entanto um pouco refractário à religião. Há dois anos que ali estabelecemos a nossa Obra com alguns resultados, mas ainda de pouca monta. A obra a fazer é muito grande, mas requer muitos fundos. Necessitamos de abrir uma escola na cidade de S. Filipe, de auxiliar os doentes, dando-lhes os medicamentos que não possam comprar, socorrer os necessitados que são em grande número, enfim, colaborar quanto nos seja possível na obra altruísta que as autoridades e particulares ali estão fazendo. O povo é pobre por natureza e muitas são as suas necessidades, as quais queremos suavizar logo que os recursos nos permitam. Estamos dando o pão espiritual que bem necessitam. Queremos levantar-lhes o moral abatido devido às contrariedades do passado,

João de Ascensão Esteves

Director da Missão de Cabo Verde

Junho, 1946



O oásis... a salvação do viandante...

mas é necessário que todos os portugueses generosos e cônscios de que a caridade não tem partido, se unam conosco nesta obra benfazeja, pois este povo bem merece o nosso carinho e cuidado.

Há ainda as outras ilhas. Que dizer delas? Lá não penetrámos, mas no entanto podemos dizer que todas se encontram na mesma situação: necessitam do pão da vida e material, pelo que urge fazermos tudo quanto esteja ao nosso alcance. E para terminar esta pequena exposição quero agradecer a todos que, de qualquer maneira, têm dado o seu auxílio nos anos anteriores e, mais uma vez, dirigir o apelo para que, animados do mesmo espírito, este ano façam mais alguma coisa em favor do simpático povo Cabo-verdiano.



Árvores gigantescas... como o gigantesco trabalho do missionário

O SEMINÁRIO ADVE

Foi em 1936 que o Seminário teve o seu início, em Lisboa, no edifício da Rua de Joaquim Bonifácio, 17. Embora as condições do meio citadino dificultassem, como é óbvio, o exercício normal de todas as suas actividades, dali saiu a maior parte dos missionários adventistas portugueses que hoje trabalham no ultramar. Impunha-se, porém, a instalação em local mais apropriado e foi o que finalmente se conseguiu com a sua transferência para a Quinta de Santo António, em 1944.

Situado na encosta da serra de Portalegre, o Seminário encontra-se a uns quinhentos metros de altitude, voltado ao Sul, para a cidade, que alveja ali perto. O edifício, começado a construir em 1570, estava dois anos depois terminado, recebendo o nome de Convento de Santo António, e passava a ser habitado por noviços franciscanos. Embora pequeno, o

antigo convento, pelo menos para as necessidades actuais, adapta-se suficientemente ao fim a que se destina, com a sua capela e salas para aulas, refeitório, oficinas, arrecadações e quartos. Agora todo caiado de fresco, imprimindo-lhe suas alvas paredes, quer exteriormente, quer nos corredores e claustros, um ar de grácil leveza, o antigo convento parece não tanto um velho caduco de quase quatrocentos anos, como um recém-construído edifício caprichosamente architectado em estilo monástico. Rodeando-o, encontra-se uma cerca, relativamente ampla, com dezoito hectares de terreno, que se estende desde o Miradouro até ao sopé da encosta.

A necessidade da pregação do Evangelho no território português da metrópole e do ultramar é o principal título de justificação da existência desta casa. Seu



Vista da rectaguarda do Seminário Adventista de Portalegre, destacando-se ao fundo o monte da Penha

NTISTA PORTUGUÊS

alvo, porém, não consiste em preparar simples pregadores, mas em dotá-los de uma boa bagagem moral, intelectual e manual, que os habilite a realizar eficientemente o grande trabalho que os aguarda. É por isso que, a par do estudo dos livros, lhes fornecemos trabalho manual que, auxiliando-os a custear suas despesas e robustecendo o seu vigor físico, os equipa com apreciáveis conhecimentos da vida prática, quer na agricultura quer em diversos ofícios mecânicos.

Funcionando como seminário estritamente religioso, são as disciplinas teológicas que nele ocupam o lugar predominante. A par delas são também cursadas as diversas disciplinas do programa liceal, a fim de garantir aos futuros missionários uma boa dose de conhecimentos gerais.

O ano lectivo de 1945-46 funcionou com

53 alunos, a maior parte dos quais internos.

Desnecessário se torna dizer que as despesas não cobertas pelas mensalidades dos estudantes são custeadas pela generosidade dos nossos membros e amigos.

Planeamos diversos melhoramentos para o próximo ano lectivo, entre os quais a ampliação do corpo docente e a organização de laboratórios de física e química.

Para esta simpática instituição convidamos a boa vontade e simpatia dos nossos amáveis leitores.

Portalegre, Maio de 1946.

Ernesto Ferreira

Director do Seminário
Adventista Português



Corpo docente e discente do Seminário
Adventista no ano lectivo de 1945-1946



«Quando chegará o missionário?...»

O antigo Ministro das Colónias, Engenheiro Vicente Ferreira, a propósito da Semana das Colónias do ano transacto, declarou, entre outras coisas, o seguinte:

«Visitei — escreve Sua Excelência — duas ou três Missões protestantes americanas. Não vou fazer a comparação da acção missionária das missões protestantes e das missões católicas, mas verifica-se, à primeira vista, que as missões estrangeiras estão mais bem instaladas e dispõem de melhores recursos. Tenho a

Testemunho valioso sobre as Missões Evangélicas na nossa Colónia de Angola

impressão de que os missionários protestantes respeitam as leis portuguesas. Os alunos e alunas que interroguei, falavam e liam português e conheciam a história de Portugal. Quando lá passei, acusavam as missões evangélicas de propagação anti-portuguesa. Recebi mesmo algumas queixas sobre elas; nenhuma, porém, suficientemente fundada para justificar qualquer procedimento».



A acção do missionário também se estende aos grandes centros...



Escola rudimentar adventista: luz para a inteligência e para o coração

O conceituado homem público afirma, ainda, que tanto nas missões evangélicas, como nas católicas, há muitos homens e senhoras de nacionalidade estrangeira, e que tanto numas, como noutras, isso não afecta em nada a qualidade da sua acção religiosa.

O missionário é o embaixador de Deus junto das almas que vai conquistar para o seu Reino eterno. Ai dele, ai da sua acção se fosse um mercenário!

E fácil acusar de desnacionalização as Missões estrangeiras; facilmente se lhes assaca tal acusação, aqui, na Metrópole, no remanso aconchegado do lar. As provas, provas convincentes, é que se não apresentam. É consolador repetir o passo acima transcrito: «Quando lá passei, acusavam as missões evangélicas de propaganda anti-portuguesa. Recebi mesmo algumas queixas sobre elas; nenhuma, porém, suficientemente fundada para justificar qualquer procedimento».

Ajudai as Missões!...

Lembrai-vos que com o vosso auxílio muitos milhões de infieis que telem nas trevas, ouviram a Boa-Nova de salvação em Cristo, e contribuiríeis para o engrandecimento da Pátria.



Retemperam-se as forças contemplando estes arroubos da natureza



Catadupas de água... símbolo da graça!...

... Mas os missionários não desanimam...

(Conclusão da página 9)

mais frequentemente pela oração. Foi por ela não o ter feito que o rei Herodes pôde mandar matar Tiago, irmão de Jesus. E foi porque «a Igreja não cessava de dirigir orações a Deus» por Pedro, que este apóstolo foi salvo, da morte, primeiramente, e de um longo cativo, em seguida. Foi por ter orado até ser ouvido, que Pedro foi restituído à Igreja, libertado das cadeias, conduzido para fora da prisão por um mensageiro celeste, apesar dos guardas, das muralhas e das portas de ferro. Que libertação!

Mas não é também a libertação que Deus se apressa a dar aos mensageiros do terceiro anjo? Quando a Igreja dos últimos tempos tiver feito a experiência da primeira Igreja, quando ela tiver compreendido que não só é necessário orar a Deus, pelos seus missionários, mas que ela não deve «cessar de dirigir por eles orações a Deus», então também as nossas cadeias cairão por terra, desaparecerão os numerosos obstáculos que Satanás coloca no nosso caminho, as portas abrir-se-ão, por si próprias, e um anjo do Senhor nos conduzirá.

Tomados de admiração, encorajados, os nossos missionários, assim como os nossos membros da Igreja, verão realizar-se o irrealizável, e apesar da fúria de Satanás, a mensagem será espalhada até às ilhas mais distantes. E louvando a Deus, poderemos repetir as palavras de Lucas referindo este milagre: «E a palavra de Deus crescia e se multiplicava» (Act. 12:24).

Auxiliar as Missões é colaborar com Jesus Cristo

A Igreja Adventista procura corresponder, alegre, generosa e entusiasticamente, ao apelo do Divino Mestre, amorosa ordem de um coração estuante: «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado» (Mat. 28:19-20). Os nossos missionários penetram em todos os continentes, nas plagas ardentes como nas planuras gélidas, através dos áridos desertos como das espessas florestas de vegetação luxuriante. Que procura o missionário tão longe da Pátria, lá em climas e terras inóspitas, onde os perigos espream em todos os recantos, onde a morte se encontra a cada passo? Em nome de Jesus Cristo, o seu missionário avança, sempre, de olhos fitos no céu, donde lhe vem o alento e a esperança para não desanimar nem succumbir. O trabalho missionário não é, apenas, religioso; seria pouco, seria pouquíssimo, se a isso se limitasse. Atrás, nestas páginas, dizemos que as melhores autoridades escriturísticas afirmam que Jesus empregou mais tempo em curar doentes, do que, propriamente, em ensinar e pregar. O missionário tem de abrir caminho, semeando o bem material, por toda a parte, auxiliando os pobres, cuidando dos enfermos, ensinando as crianças, vestindo e alimentando a todos. A todo o momento, a cada passo, descobre o missionário uma nova ocasião de se tornar útil, pois sabe que a sua vida, ao serviço do Mestre, deve estar pronta a sacrificar-se para espalhar, em Seu Nome, o bem às mãos cheias sob todas as formas. E é assim, que milhares e milhares de pessoas recebem socorros de toda a espécie, tratamentos, vestuário, alimentação... No nosso Império Colonial temos as nossas

Missões, onde os indígenas ouvem falar de Jesus ao mesmo tempo que recebem instrução e assistência médica, material e espiritual.

Há um contraste flagrante entre as aldeias onde se conhece Jesus e as que ainda jazem nas sombras do paganismo. Transformam-se as habitações, as ruas, os campos. Onde reinava a imundície, brilha, com o Evangelho, o asseio, a limpeza. Até os rostos se demudam! Em vez de olhares inquietos, desconfiados, duros com cintilações de aço, encontramos, com a prática dos preceitos cristãos, olhares doces, pacíficos, acolhedores e calmos. A ociosidade é substituída pelo trabalho. Desaparecem, pouco a pouco, os maus hábitos, para darem lugar às virtudes dignas de um homem, de um cristão.

Oremos pelos missionários, pelo seu magnífico e elevado apostolado — eis o nosso auxílio espiritual.

Auxiliemos, como pudermos, a grande obra das Missões — eis o nosso auxílio material.

Auxiliar as Missões é cooperar, intimamente, com o Salvador, o Missionário Divino, que bem o indicou quando disse: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Se Deus não obriga ninguém a escolher o bom caminho, a entrar na vida eterna, quer, contudo, que a mensagem da Sua graça, «capaz de salvar todos os homens» (Tito 2:11, 12), chegue a todos.

É, assim, que a obra das Missões modernas, que se estende, actualmente, a todos os confins da Terra, proclama que o fim se aproxima.

«E então — disse Jesus — virá o fim».



O missionário Giddings, depois de abater um leão que infestava o campo missionário

5

Preço 5\$00

STANLEY

ouve a voz de Deus no deserto africano



... A imensidade do deserto lembra a
infinitude de Deus e a nossa pequenez...

Não havia notícias de Livingstone, desde que chegara ao lago de Tanganhica, no outono de 1867. Foi então que Stanley partiu em sua demanda. No centro da África, viu-se Stanley imobilizado, durante várias semanas, pela febre. Longe da pátria, do mundo civilizado, sentiu-se mais perto do Criador. Empregava essas intermináveis horas de febre e de abandono, na leitura e meditação da Bíblia. «Comecei pelo livro de Job — diz Stanley — para continuar pelo dos Salmos. A nobre simplicidade da linguagem bíblica impressionou-me de uma maneira totalmente nova. No silêncio que me envolvia, as inabaláveis verdades dos Livros Sagrados adquiriam um sentido novo e uma força deveras penetrante, como eu nunca sentira, anteriormente. À medida que me absorvia na leitura, sentia penetrar em mim um calor estranho e desprender-se da natureza um encanto que realçava, ainda mais, a profunda melancolia da paisagem africana. Quando findei a leitura, o meu espírito começou a divagar ao sabor da memória. Vi elevar-se de todas as células do meu cérebro a multidão inumerável dos meus sonhos desfeitos e das minhas ambições desvanecidas. Via-me ali, pobre jornalista — Stanley fora enviado em busca de Livingstone, como «correspondente especial» do *New York Herald* — sem amigos e, contudo, cheio de esperanças futuras. Diante da minha consciência, as palavras da Escritura erguiam-se com uma insistência significativa, umas vezes ruidosas de esperança, outras vezes ameaçadoras. Depois, perpassava-me na memória a lembrança longínqua dos felizes dias da minha infância e da minha juventude. Sob aquele céu bronzeado, no meio daquelas planuras intermináveis e requeimadas do sol ardente, o sentimento da minha pequenez esmagava-me; toda a minha vida me aparecia como uma bola de sabão... Só, na minha tenda, longe de qualquer olhar humano, com o coração torturado por este problema angustiante, caí de joelhos para abrir a minha alma diante d'Aquele que eu esquecera, durante tanto tempo, e que me havia conduzido, misteriosamente, através da África, para se revelar a mim e fazer-me conhecer a Sua vontade. Foi, então, que se apoderou de mim um desejo intenso de servir a Deus, de Lhe consagrar toda a minha vida, com o mesmo ardor com que, todas as manhãs, durante a minha juventude, em Nova Orleães, eu me entregava ao trabalho. Se os meus companheiros pretos tivessem podido surpreender estas minhas reflexões, haveriam, decerto, notado que a África estava a ponto de me transformar».

O mesmo Deus não deixa jamais de falar a cada um de nós a linguagem própria que nos é familiar e adequada. Há quase dois mil anos, falou aos pastores por meio dos Seus anjos; aos magos, pela estrela, pela ciência...

Não fechemos os ouvidos à Sua voz, que decerto se repele uma e muitas vezes, por todos os meios, especialmente pelos que nos são mais adaptados!

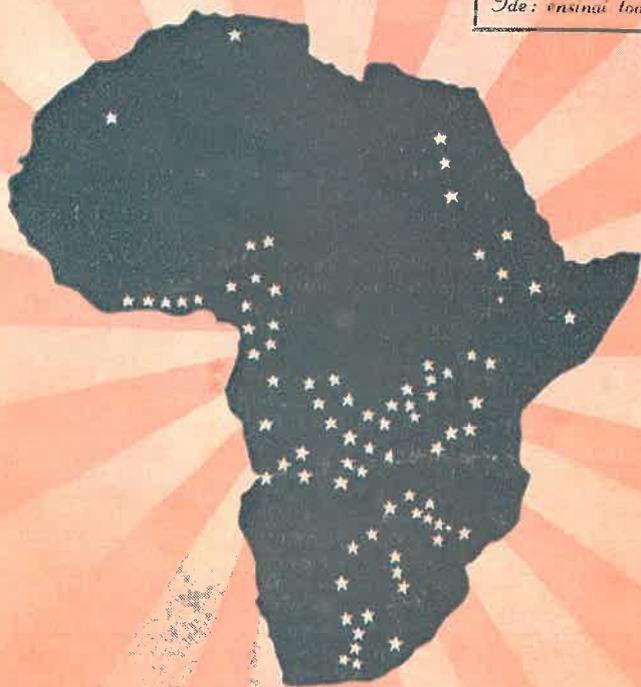
Hoje, convida-nos a auxiliar a obra das Missões.

Ouçamos e correspondamos.

Lisboa, Junho de 1946.

Um apelo em favor das Missões

Ide: ensinai todas as gentes...



Os asteriscos localizam as principais sedes das Missões Adventistas na África... — verdadeiros centros de luz espiritual e temporal, que emergem, refulgindo, da sombra do paganismo e da barbárie...

Auxiliar as Missões

é chamar almas para Deus,
para a Pátria, para a civilização